

NÃO DEIXEIS QUE VOS ROUBEM A ESPERANÇA

Coleção CATEQUESE DO PAPA

1. Paulo – Os seus colaboradores e as suas comunidades, *Bento XVI*
2. Os apóstolos e os primeiros discípulos de Cristo, *Bento XVI*
3. Os Padres da Igreja, *Bento XVI*
4. Os Doutores da Igreja, *Bento XVI*
5. Jesus em oração, *Bento XVI*
6. Não deixeis que vos roubem a esperança, *Papa Francisco*

As palavras de Papa Francisco

NÃO DEIXEIS QUE VOS ROUBEM
A ESPERANÇA



Título original: *Non lasciatevi rubare la speranza*
© Libreria Editrice Vaticana – 2013
00120 Cidade do Vaticano
ISBN 978-88-209.8994-1

Tradução: *Pe. José Bortolini*

Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*

Assistente editorial: *Jacqueline Mendes Fontes*

Revisão: *Cícera G. S. Martins*

Tiago José Risi Leme

Diagramação: *Ana Lúcia Perfoncio*

Capa: *Marcelo Campanhã*

Impressão e acabamento: PAULUS

1ª edição, 2013

© PAULUS – 2013
Rua Francisco Cruz, 229
04117-091 São Paulo (Brasil)
Tel. (11) 5087-3700
Fax (11) 5579-3627
editorial@paulus.com.br
www.paulus.com.br

ISBN 978-85-349-3728-3

A SEMANA SANTA, TEMPO DE GRAÇA DO SENHOR

Irmãos e irmãs, bom dia!

Sinto-me feliz em acolher-vos nesta minha primeira Audiência geral. Com grande reconhecimento e veneração, retomo o “testemunho” das mãos do meu amado predecessor Bento XVI. Após a Páscoa, retomaremos as catequeses do *Ano da fé*. Hoje, desejo deter-me um pouco na Semana Santa. Com o Domingo de Ramos iniciamos esta Semana – centro de todo o Ano Litúrgico –, na qual acompanhamos Jesus na sua Paixão, Morte e Ressurreição.

Mas o que pode significar para nós viver a Semana Santa? O que significa seguir a Jesus no seu caminho para o Calvário, rumo a Cruz e Ressurreição? Na sua missão terrena, Jesus percorreu as estradas da Terra Santa; chamou doze pessoas simples para que permanecessem com Ele, partilhassem o seu caminho e continuassem a sua missão; escolheu-as dentre o povo cheio de fé nas promessas de Deus. Falou a todos, sem distinção, aos grandes e aos humildes, ao jovem rico e à viúva pobre, aos poderosos e aos fracos; trouxe a misericórdia e o perdão de Deus; curou, consolou, compreendeu; deu esperança; trouxe a todos a presença de Deus que se interessa por cada homem e cada mulher, como faz um bom pai e uma boa mãe para com cada um de seus filhos.

Deus não esperou que fôssemos a Ele, mas é Ele que se moveu em nossa direção, sem cálculos, sem medidas. Deus é assim: Ele dá sempre o primeiro passo, Ele se move em nossa direção. Jesus viveu as realidades cotidianas das pessoas mais comuns: comoveu-se diante da multidão que parecia um rebanho sem pastor; chorou diante do sofrimento de Marta e Maria pela morte do irmão Lázaro; chamou um publicano como seu discípulo; sofreu também a traição de um amigo. Nele, Deus nos deu a certeza de que está conosco, no meio de nós. “As raposas – disse Jesus – têm suas tocas, e os pássaros do céu, seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça” (Mt 8,20). Jesus não tem casa porque sua casa é o povo, somos nós, sua missão é abrir a todos as portas de Deus, ser a presença de amor de Deus.

Na Semana Santa, vivemos o ápice desse caminho, desse desígnio de amor que percorre toda a história dos relacionamentos entre Deus e a humanidade. Jesus entra em Jerusalém para realizar o último passo, no qual condensa toda a sua existência: doa-se totalmente, não retém nada para si, nem mesmo a vida. Na Última Ceia, com seus amigos, reparte o pão e distribui o cálice “por nós”. O Filho de Deus se oferece a nós, entrega em nossas mãos o seu Corpo e o seu Sangue para estar sempre conosco, para habitar no meio de nós. E no Horto das Oliveiras, como no processo diante de Pilatos, não opõe resistência, doa-se; é o Servo sofredor preanunciado por Isaías que despoja a si mesmo até a morte (cf. Is 53,12).

Jesus não vive esse amor que leva ao sacrifício de forma passiva ou como destino fatal; com certeza não esconde sua profunda perturbação humana diante da

morte violenta, mas se entrega com plena confiança ao Pai. Jesus se entregou voluntariamente à morte para corresponder ao amor de Deus Pai, em perfeita união com a sua vontade, para demonstrar seu amor por nós. Na cruz, Jesus “me amou e se entregou por mim” (Gl 2,20). Cada um de nós pode dizer: amou-me e entregou-se por mim. Cada um pode dizer esse “por mim”.

O que tudo isso significa para nós? Significa que essa também é a minha, a tua, a nossa estrada. Viver a Semana Santa seguindo Jesus não só com a comoção do coração; viver a Semana Santa seguindo Jesus significa aprender a sair de nós mesmos – como eu dizia domingo passado – para ir ao encontro dos outros, para ir em direção das periferias da existência, mover-nos, nós por primeiro, em direção aos nossos irmãos e nossas irmãs, sobretudo os mais distantes, aqueles que são esquecidos, aqueles que têm mais necessidade de compreensão, de consolação, de ajuda. Há tanta necessidade de levar a presença viva de Jesus misericordioso e rico de amor!

Viver a Semana Santa é entrar sempre mais na lógica de Deus, na lógica da Cruz, que não é primeiramente a da dor da morte, mas a do amor, do dom de si que traz vida. É entrar na lógica do Evangelho. Seguir, acompanhar Cristo, permanecer com Ele exige um “sair”. Sair de si mesmos, de um modo de viver a fé cansado e rotineiro, da tentação de enclausurar-se nos próprios esquemas que acabam fechando o horizonte da ação criativa de Deus. Deus saiu de si mesmo para estar no meio de nós, armou a sua tenda entre nós para trazer-nos a sua misericórdia que salva e dá esperança. Também nós, se quisermos segui-lo e permanecer com Ele, não devemos contentar-nos em permanecer no recinto das noventa

e nove ovelhas; precisamos “sair”, procurar com Ele a ovelha desgarrada, a mais distante. Recordai bem: sair de nós, como Jesus, como Deus saiu de si mesmo em Jesus, e Jesus saiu de si mesmo por todos nós.

Alguém poderia dizer-me: “Mas, padre, não tenho tempo”, “tenho muitas coisas a fazer”, “é difícil”, “o que posso fazer eu com minhas poucas forças, também com o meu pecado, com tantas coisas?”. Frequentemente nos contentamos com alguma oração, uma Missa dominical distraída e não constante, com algum gesto de caridade, porém não temos aquela coragem de “sair” para levar Cristo. Somos um pouco como são Pedro. Tão logo Jesus fala de Paixão, Morte e Ressurreição, de dom de si, de amor para com todos, o Apóstolo o toma à parte e o recrimina. Aquilo que Jesus diz transtorna seus planos, parece inaceitável, põe em dificuldade as seguranças que havia construído para si, sua ideia de Messias. E Jesus olha os discípulos e dirige a Pedro talvez uma das palavras mais duras dos Evangelhos: “Passa para trás de mim, Satanás! Pois tu não pensas segundo Deus, mas segundo os homens” (Mc 8,33). Deus pensa sempre com misericórdia: não vos esqueçais disso. Deus pensa sempre com misericórdia: é o Pai misericordioso! Deus pensa como o pai que espera a volta do filho e vai ao seu encontro, o vê chegando quando ainda está longe... O que significa isso? Que todos os dias ia ver se o filho voltava para casa: esse é o nosso Pai misericordioso. É o sinal de que o esperava de coração no terraço da sua casa. Deus pensa como o samaritano que não passa perto do ferido com comiseração ou olhando para outro lado, mas socorrendo-o sem pedir nada em troca; sem perguntar se era judeu, se era pagão, se era samaritano, se era rico, se

era pobre: não pergunta nada. Não pergunta essas coisas, não pede nada. Vai em seu socorro: assim é Deus. Deus pensa como o pastor que dá a sua vida para defender e salvar as ovelhas.

A Semana Santa é tempo de graça que o Senhor nos dá para *abrir as portas* do nosso coração, da nossa vida, das nossas paróquias – que pena tantas paróquias fechadas! – dos movimentos, das associações, e “sair” ao encontro dos outros, fazer-nos próximos para levar a luz e a alegria da nossa fé. Sair sempre! E isso com amor e com a ternura de Deus, no respeito e na paciência, sabendo que nós pomos nossas mãos, nossos pés, nosso coração, mas no fim é Deus que os guia e torna fecunda qualquer ação nossa.

Desejo a todos que vivam bem estes dias seguindo o Senhor com coragem, carregando em nós mesmos um raio do seu amor a todos que encontramos.

Audiência geral, 27 de março de 2013, Praça São Pedro